

ANÁLISE SEMIÓTICA DA MODA NO SÉCULO XIX NA LITERATURA DE JOSÉ DE ALENCAR, SENHORA

Luciana Augusto Nunes¹, Sônia Guedes do Nascimento Lea²

¹UNIVAP/ Faculdade de Educação, Rua Oito de Maio, 88, Jardim do Portal, CEP: 12324-250, Jacareí, SP, laugnunes@hotmail.com

²UNIVAP/ Faculdade de Educação, Jd. Das Industrias, CEP: 12241-000, São Jose dos Campos, SP, sonialeal@globo.com

Resumo - Este artigo tem como principal objetivo analisar a moda e seus costumes como forma de expressão, principalmente por parte das mulheres burguesas no século XIX, cuja sociedade usava a moda como recurso para tornar visíveis as necessidades de distinção e os desejos de prestígio social, além de satisfazer impulsos sexuais reprimidos sem ofender a moral da sociedade burguesa. A análise tem como base estudos e críticas de grandes autores na área da moda e que são confirmados por um grande autor brasileiro da época, José de Alencar, através de sua literatura, *Senhora*, onde é possível ter uma visão dinâmica identificada em sua obra.

Palavras-chave: Moda, Literatura, Semiótica, Século XIX.

Área do Conhecimento: Lingüística, Letras e Artes.

Introdução

Não é de hoje que o conceito de moda é empregado por estudiosos não apenas como um fator estético, de caráter compulsório, a moda tem sempre sido entendida como um fenômeno de expressão de comunicação e de linguagem. Este fenômeno acontece tanto em nossa sociedade, quanto em sociedades de outras épocas.

A moda atua na sociedade, fazendo com que os indivíduos se relacionem consigo mesmos e com os outros membros de sua comunidade. Existe então, um processo de socialização, no qual pode se perceber a inter-relação entre moda-comunicação e moda-integração social. É através da moda, que a sociedade classifica indivíduos, de acordo com o que ele veste e a maneira como o faz. . De acordo com Garcia e Miranda, “as posses influenciam como as pessoas se vêem (questão individual) e também como se vêem umas às outras (questão social)”. A moda então, atua como uma distinção ou inclusão social, como diz Souza (2005), a moda “serve à estrutura social, acentuando a divisão em classe; reconcilia o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós (necessidade de afirmação como pessoa) e socializador (necessidade de afirmação como membro do grupo)”.

No século XIX, essa classificação feita pela sociedade e também pelos próprios indivíduos não é diferente. É nessa época que a moda se acentua na burguesia e passa a ser usada como recurso para mostrar uma certa distinção social, mesmo que seja somente uma distinção aparente, e também para que as mulheres pudessem fazer-se mais sensuais sem atingir a moral reinante da sociedade.

É então através da moda como expressão de comunicação e linguagem que podemos compreender certas atitudes e costumes, assim como a questão individual e social da burguesia do século XIX, tendo como base e testemunha, o autor brasileiro José de Alencar e sua obra *Senhora*, que nos permite conhecer e identificar estudos feitos em nossa atual sociedade.

Materiais e Métodos

Neste trabalho foram utilizados livros de Teoria da Moda, como comunicação e linguagem (Carol Garcia e Ana Paula Miranda, Kathia Castilho e Gilda de Mello e Souza) e de Literatura Brasileira, como base de discussão, *Senhora* (José de Alencar).

Após a leitura das obras desses autores, foi possível perceber elementos do século XIX e a ligação social, econômica e comportamental da época com o tempo atual.

Resultados

Após a discussão com base nos autores acima citados, pode-se reafirmar a importância da moda como referência social, econômica e comportamental da época, assim como a influência da moda como expressão e comunicação frente à sociedade em questões individuais e também plurais (sociais), tanto no século XIX, quanto na atualidade.

Discussão

Moda é mais do que um conjunto de tecidos e acessórios, moda é um sistema que produz sentido na medida em que busca construir um

conjunto significativo marcado pelas relações com os demais membros da sociedade. É um código capaz de expressar identidade, status social, estilo de vida. Segundo Garcia e Miranda, “a moda é um instrumento poderoso de inserção humana no contexto cultural, tornando-se também ela, um sujeito ativo que detém o poder para agir de diferentes formas no processo comunicacional”. Segundo Souza (2005), a moda “exprime idéias e sentimentos, pois é uma linguagem que se traduz em termos artísticos”.

A moda trabalha como uma camuflagem, parece verdadeira, mas oculta o indivíduo sob uma camada externa. O resultado é a aparência, que pretende não só ser semelhante a um modelo desejável (parecer), mas também manifestar algo diante do outro (aparecer). A moda é então um conjunto atualizável de modos de visibilidade que os indivíduos assumem para produzir sentido, e interagir com o outro.

Existe na moda como forma de comunicação, uma percepção de que o que um indivíduo possui, faz parte de quem ele é, ou ainda, usar produtos da moda é como falar de si mesmo através do que está vestindo. Além de atuar como instrumento de comunicação e linguagem, a moda também atua como alguns outros modelos distintos (significação), sendo eles:

Instrumento de integração: Fator motivador para a aceitação, adequação a determinado grupo ao qual se quer pertencer, integrando-se ao estilo de vida, ao comportamento e à atitude desse grupo.

Instrumento de individualidade: É um querer ser diferente, não querer pertencer a nenhum grupo, ter uma identidade individual.

Os fatores acima citados têm base naquilo que é comunicado à sociedade como considerado belo. A sociedade então visa o processo de socialização através do poder de transformação da moda, ou seja, numa visão individual, a moda é singular, só se tornará plural se for considerada tal pela sociedade. Portanto, o *look*, ou o traje, como significação da moda, incorpora efeitos de sentido enquanto é parte da realidade do sujeito.

É no século XIX que a moda acentua o desejo de competir e o hábito de imitar. É nesta época também que a moda se espalha pela burguesia e dá espaço à competição nas ruas, nos passeios, nas visitas e faz com que os estilos mudem em pequenos espaços de tempo.

Em *Senhora*, José de Alencar nos deixa um exemplo claro sobre a necessidade de se parecer distinto perante a sociedade, em um trecho sobre a personagem Seixas: “Se o edifício e os móveis estacionários e de uso particular denotavam escassez de meios, senão extrema pobreza, a roupa e objetos de representação anunciavam um trato de sociedade, como só tinham cavalheiros dos mais ricos e francos da corte”.

Havia nas mulheres da época, elementos altamente eróticos. Em sua obra, Alencar nos propõe alguns exemplos a respeito dos pés: “... eram azuis as fitas do cabelo e do cinto, bem como o cetim de um sapato raso, que lhe calçava o pé como o engaste de uma pérola”.

As roupas chamavam a atenção para a anatomia feminina, realçando o mistério do corpo através de rendas, transparências, decotes. Alencar descreve o discreto erotismo do traje de noite da personagem Aurélio Camargo: “Trazia nessa noite um vestido de nobreza opala, que assentava-lhe admiravelmente, debuxando como uma luva o formoso busto. Com as rutilações da seda que ondeava ao reflexo das luzes, tornavam-se ainda mais suaves às inflexões harmoniosas do talhe sedutor”.

Eram também usadas jóias para acentuar determinadas partes do corpo feminino: “Seus opulentos cabelos colhidos na nuca por um diadema de opalas, borbotavam em cascatas sobre as alvas espáduas bombeadas... Cingia o braço torneado que a manga arregaçada descobria até a curva, uma pulseira também de opalas, como eram o frouxo colar e os brincos de longos pingentes que tremulavam na ponta das orelhas de nácar”.

Devido ao desenvolvimento industrial dos centros urbanos, que ofereciam com mais facilidade e mais barato, a renda, o vestido feito, o chapéu, até mesmo o pão, a mulher burguesa encontrou-se numa situação de não ter mais o que fazer, pois além de tudo havia o proletariado que ocupava os empregos nas fábricas e nos lares. A mulher dedicava então, seu tempo a si mesma, e à espera de um casamento, que era o fim esperado por todas as mulheres da época. “No pequeno espaço de tempo que mediava entre a vida da menina e a da senhora, a moça entregava-se ao aprendizado da música e das boas maneiras, ao interesse pelos vestidos, vivendo na expectativa da chegada do marido” (SOUZA, 2005).

Para a mulher só havia a moda como meio de expressão, então ao mesmo tempo em que usava a moda como meio de sensualidade para esperar por seu marido, ela realizava a procura de seu ser, de uma afirmação individual dentro do grupo social a que pertencia.

Para descobrir sua individualidade, a mulher se atirou a descobrir-se aumentando os quadris, comprimindo a cintura, dando novos modelos aos cabelos, criando uma figura irreal, que se destacasse, como forma de comunicação, a mulher “vive na plenitude da conquista do espaço, comunicando-se com o ambiente numa ligação necessária” (SOUZA, 2005). Mas, o que diferenciava as mulheres entre si, não eram somente seus trajes, “mas a maneira de usa-lo, de fazê-lo concordar com seu corpo e a sua alma, de imprimir o movimento à estrutura total”. (SOUZA,

2005). Esse diferencial se evidencia nos gestos praticados ao usar um leque, um xale, ou um guarda-sol.

A mulher criou um estilo de existência, pois “aceitou a moral relacionada com os hábitos do corpo”. (SOUZA, 2005), entretanto, na segunda metade do século XIX, encontrou-se num impasse, começou a surgir um interesse pelas profissões, para viver sua profissão precisou adaptar-se ao estilo masculino, aderiu ao despojamento e deixou seus adornos de lado. Ela perdeu então seu principal elemento e surgiu como um símbolo de inferioridade, na profissão era considerada como um amador, e sem seus trajes femininos, perdeu seus valores relacionados à arte de seduzir. Por outro lado, já que seus adornos e vestidos de grande porte não permitiam nem mesmo que ela se locomovesse adequadamente, “a ponto de tornar impossível que duas mulheres sentassem juntas no mesmo sofá, pois os babados dos vestidos ocupavam todo espaço” (LAVÉ, 2005), o que caracterizava seu comportamento servil, ao adaptar-se ao estilo masculino, a mulher encontrou sua liberdade, tanto na maneira de se vestir, quanto no seu comportamento perante a sociedade.

Conclusão

A roupa está diretamente ligada ao comportamento. No século XIX a indumentária feminina impedia a liberdade, o que conduzia a mulher ao comportamento servil, ela colocava então, a família, a prole sempre em primeiro lugar. Em *Senhora*, de José de Alencar, a personagem Aurélia revida o sistema, e age contra os costumes da época, ao invés de um comportamento servil, ela age com altivez.

No século XXI, a roupa continua ligada ao comportamento, mas de uma maneira mais expressiva, mulheres, e até mesmo homens, ainda utilizam roupas como forma de sedução, assim como para se comunicar e se expressar com a sociedade tanto no sentido social quanto no individual.

E através do que vestem que as pessoas encontram sua individualidade, não importa se no século XIX ou no século XXI.

Referências

- ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- CASTILHO, Kathia. *Moda e Linguagem*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi.

- GARCIA e MIRANDA, Carol e Ana Paula. *Moda é Comunicação*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi.

- LAVÉ, James. *A Roupas e a Moda: Uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das Roupas. A moda no século dezanove*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.